

Terra Santa

Nos dias 27 de dezembro a 03 de janeiro fui visitar a Terra Santa. Éramos dois grupos: um de língua italiana e outro de língua inglesa, organizados pelos Franciscanos e Opera Romana. Para mim, era um sonho muito grande e também para poder compreender melhor a Bíblia e ir visitar o chão onde ela nasceu. É certo que o momento não era dos melhores, muitos tentavam me desencorajar para não ir, que o clima lá era de guerra e que era muito perigoso. Mas eu queria ir agora, pois talvez não teria outra oportunidade.

Já no aeroporto aqui de Roma, um por um de nós tinha que explicar de onde era, como havia conhecido os restantes membros do grupo, há quanto tempo, se estava levando armas, ou se alguém lhe mandou levar alguma coisa, quem foi que arrumou a mala... e tantas outras perguntas. Checaram tudo várias vezes e depois partimos.

Chegamos a Tel Aviv e tivemos que explicar de novo porque estávamos indo, fazer o ingresso, etc. Já havia escurecido. Partimos num ônibus para Nazaré. Tel Aviv é uma cidade moderna e muito bem organizada. As placas e sinalizações são todas em hebraico moderno e sem as vogais ou em inglês. Passamos na frente da estrela de Davi, um monumento bonito que mostra a grandeza do estado judaico. Chegamos á Nazaré, a pequena cidade de Jesus, já ficou grande. E lá as placas eram em hebraico, inglês e árabe. Ficamos hospedados na “Casa Nova” dos Franciscanos, que fica ao lado da Basílica da Anunciação, por onde começou a nossa peregrinação no dia seguinte. Visitando a Igreja, e o local provável da visita do Anjo a Maria, a casa de José e Maria. E nos dois dias que ficamos no norte visitamos os lugares por onde Jesus andou e anunciou o Reino.

No Monte Tabor, a vista é muito linda. Claro que dava vontade de “construir três tendas e ficar por lá”. Fomos também ao monte onde Jesus anunciou as Bem-aventuranças, também um lugar lindo. Visitamos o Monte Carmelo e lembramos do grande Profeta Elias. Fomos visitar a “provável” casa de Pedro, que fica junto ao mar onde Jesus fez a pesca milagrosa. Depois fomos almoçar num *kibutz* comer o peixe de São Pedro. Em seguida atravessamos o lago de Genesaré com uma barca. Os passarinhos nos acompanhavam porque nós jogávamos pedaços de pão para o alto e eles pegavam, foi bonito. Passamos por Cafarnaum, onde estão escavando e se encontra a antiga sinagoga, um lugar onde Jesus esteve várias vezes, onde anunciou o seu projeto (Lc 4,16-22). No final do dia ainda passamos por Canaã onde, segundo João, Jesus fez o primeiro sinal. E eu fiquei triste porque nem pude provar o bom vinho do lugar, devido aos remédios que estou tomando.

Sábado é dia sagrado para os judeus e por isso, na sexta á noite quando começa a escurecer, fecham todos os negócios e se vê pouca gente na rua, até que o sol se ponha no outro dia.

E começamos a “subir a Jerusalém”. Saindo de Nazaré se encontra o vale de Esdrelon, é uma planície boa para plantação. Passamos pelo Rio Jordão (tão importante para o AT) e no local “provável” onde Jesus foi batizado por João Batista e ali renovamos as nossas promessas batismais. Queríamos ir para Jericó, mas o exército de Israel, que controla todas as entradas e saídas, nos informou que poderíamos ir. Mas como a placa do ônibus era de Israel, poderíamos correr riscos. Fomos em frente e visitamos o mar morto, a 400 metros abaixo do nível do mar, é um caso único. A água tem uma densidade maior, não se afunda. Indo em frente fomos a Qumran, um local que eu esperava tanto. Foi aí que em 1947 um beduíno perdeu uma das suas cabras, foi procurar e jogou uma pedra dentro

de uma gruta e sentiu um sinal estranho. Entrou e encontrou os vasos com os manuscritos dos essênios que na época de Jesus se refugiavam no deserto para viver longe do mundo e para purificar-se. Esses escritos foram vendidos a um senhor que trabalhava com couro, e depois foram parar nos EUA, pois têm um valor muito importante. Existem alguns com trechos mais antigos da Bíblia, outros escritos por eles e outros sobre a regra de vida na comunidade. Vimos um filme e eles confirmam a presença de João Batista e a sua saída da comunidade, claro com a sua visão bastante tendenciosa, ridicularizando o Profeta.

Celebramos a missa em pleno deserto de Judá. Dali se podia ver um dos 200 assentamentos de judeus que Sharon está fazendo construir em terra dos palestinos. Celebramos olhando para a dureza do deserto. Ali Jesus foi passar 40 dias para preparar-se para assumir a sua missão. Na hora da consagração, abaixei a cabeça e na frente dos meus pés vi uma bala de fuzil. O Frei que celebrou era da Bósnia e contou a sua experiência dolorosa. Teve 17 pessoas da sua família mortas pelos muçulmanos, inclusive seu pai. Num primeiro momento teve vontade de armar-se e ir fazer vingança. Mas sua mãe o conteve. E um dia foi na casa do muçulmano e o abraçou e o perdoou.

A chegada a Jerusalém foi entrando pelo monte das Oliveiras. Dali Jesus contemplou a cidade e chorou. Logo chegaram uns vendedores de coisas e apesar das advertências, quase fomos roubados. Passamos pelo lugar onde, segundo a tradição, Jesus rezou o Pai Nosso e a oração está em quase todas as línguas. Depois fomos visitar alguns sepulcros vazios. À noite fomos nos hospedar na “Casa Nova” agora em Jerusalém. A visita ao Santo Sepulcro não deve ter aumentado a fé de ninguém. Ao contrário, Jesus mesmo disse “Não me encontrareis aqui”. É uma história antiga de brigas até que fizeram o “status quo”, que regulamenta tudo: espaços, horários, o que se pode fazer e o que não se pode. Isso tudo entre cristãos: católicos, ortodoxos, orientais, cooptas, armênios...

Visitamos Belém, o lugar “provável”, onde Jesus nasceu, a gruta e uma Igreja. Tudo muito bonito, mas também regulado pelo “status quo”. Na saída de Jerusalém encontramos o exército de Israel, em pleno território dos palestinos, controlando a entrada e saída de pessoas. Vimos alguns prédios que foram bombardeados por Israel, e na região existem vários assentamentos em construção. Constroem tudo com pedras, pois é o que não falta na região. Os palestinos são mais pobres, vivem de comércio e artesanato. Creio que têm pouca habilidade para trabalhar com a terra, ao contrário de Israel que na região seca constrói os *kibutz* e colhem milagres. (Nesses *kibutz* vieram ultimamente muitos hebreus da Rússia, e depois de tanto tempo já um pouco desapegados da lei, começaram a criar porcos. A coisa esquentou, foi para o Parlamento, que por sua vez, decretou uma lei “proibindo que se criassem porcos sobre a terra de Israel, pois o porco é impuro e a terra é santa”. Lei é lei. O que fizeram? Levantaram o piso alguns centímetros para não continuar tocando no chão sagrado, e assim cumprir a lei e também continuar criando porcos...)

Visitamos um local que é mantido pelos salesianos que acolhem crianças pobres, abandonadas e filhas de mães solteiras. Foi muito bonito ver tantas crianças sendo bem acolhidas. Ali metade das crianças são católicas e metade muçulmanas e vivem bem. Mas depois quando vão às escolas tudo deve ser de acordo com o Alcorão.

Vimos várias lojas e cooperativas fechadas. O pessoal ali jogando baralho e triste. Antes da guerra e com o jubileu tudo ia bem. A Palestina vive 98% de turismo. Agora ninguém mais vai lá. O nosso era um dos grupos que ia lá depois de tanto tempo. E os árabes também com os seus negócios vazios, pediam para que comprássemos alguma coisa e eles diziam que nada tinham a ver com a guerra. À noite fomos dormir mais cedo e nem parecia que era festa de fim de ano. Eu dormia e escutei os tiros. Meu colega me

chamou e disse que a guerra devia estar começando. E aí lembramos que estávamos em 2002. Para os hebreus a contagem é outra e devem estar no ano 5676. Os muçulmanos têm uma contagem diferente. E os cristãos são poucos, mas para o comércio vale a nossa contagem.

Vimos alguns sinais do Natal chegando. Os ortodoxos e orientais comemoram no dia 06 de janeiro e não no dia 25 de dezembro. Visitamos o local onde dizem que houve o encontro de Maria e Izabel e onde morava o sacerdote Zacarias, pai de João Batista. Coitado do Zacarias fizeram uma estatua feia para ele, que dá pena ver. Visitamos Betânia o túmulo onde Lázaro estava enterrado e foi ressuscitado por Jesus. E depois fomos a uma gruta que dizem que foi o lugar onde os magos foram visitar Jesus. As grutas são bonitas, mas a probabilidade de que foi ali é pequena, apesar da convicção daqueles que cuidam e nos mostram o local. Celebramos no Cenáculo, local onde Jesus instituiu a Eucaristia.

À tarde fomos visitar o museu do holocausto dos hebreus na segunda guerra mundial. A primeira parte lembra as crianças mortas. É uma experiência que é difícil descrever. Entrando tudo é escuro, o local parece em forma redonda e grande, cheio de estrelas piscando. E uma voz suave vai repetindo o nome das crianças assassinadas. Dá uma noção de medo e ao mesmo tempo de paz. Nunca me senti tanto no céu como aquele momento... Logo adiante o outro museu lembra os 6 milhões de judeus mortos pelo nazismo, com imagens do horror. Uma chama acesa queima, talvez para dizer que ainda há esperança... Logo abaixo, já mais para fora, tem um trem pendurado numa ponte que caiu, simbolizando aqueles que partiram como prisioneiros e não voltaram mais.

Terminamos o dia fazendo a Via Sacra pelos locais prováveis onde Jesus foi caminhando e depois crucificado. Mas as ruas já não são as mesmas e o monte Calvário também já se perdeu no meio da cidade. Achei um tanto estranho fazer uma oração e caminhada pelo meio do comércio, até atrapalhando o povo, que nem estava aí com a nossa oração. Mas ainda somos os menos agressivos. Os muçulmanos quando chega a hora de rezar nas mesquitas metem os microfones a toda força e todos têm que escutar.

Na manhã seguinte visitamos a Igreja de Sant'Ana, segundo a tradição era ali que moravam Joaquim e Ana (pai e mãe de Maria). Gostei de uma pintura que trazia Ana dando Maria e esta dando Jesus ao mundo. Visitamos o local onde era a piscina que Jesus fez o milagre e onde ainda estavam fazendo escavações. Depois fomos no que restou do templo dos judeus destruído, por Tito, depois de vários anos de guerra e acabou com tudo (fiquei sentido que no programa não constava a visita a Massada, a última defesa judia e que tanto custou aos romanos para destruí-la). Do templo só ficou uma muralha. É ali que os judeus vão rezar. E nós fomos também. As mulheres de um lado e os homens de outro. Tem que ter algo na cabeça: boné ou chapéu ou então eles dão a *kipá* para cobrir a cabeça. Ali estão os judeus ultra-ortodoxos com chapéu preto na cabeça, uma franja de cabelos compridos cada lado da cabeça, camisa branca e o restante preto. Ficam o dia todo balançando a cabeça e rezando, lendo trechos da Bíblia. São pagos para fazer isso. Tem outros judeus ortodoxos, e alguns mais moderados.

Na frente do muro tem 12 bandeiras de Israel representando as 12 tribos, e ao lado seis estrelas com uma chama representando os seis milhões de judeus mortos na segunda guerra mundial. No local onde antes era o templo, os judeus não entram de jeito nenhum, porque foi profanado. E no local foram construídas duas mesquitas, uma muito grande e a outra muito rica (toda a cobertura é de ouro puro), foram construídas quando os muçulmanos conquistaram a terra santa, vencendo os cruzados.

No último dia á tarde havia encontro com o Patriarca e com o Núncio, mas era livre. Queria visitar os Capuchinhos, mas não deu certo, então andei um pouco pela cidade. No outro dia levantamos cedo, chovia, e fomos ao aeroporto. Outra vez as perguntas e as revistas. Dormi e nem vi o avião levantar vôo.

A minha visita á Terra Santa tinha três objetivos.

- a) Uma visita turística, de quem vai para conhecer, passear, beber um outro ar, ver outras realidades.
- b) Uma experiência religiosa. Ainda que o tempo era pouco, foi um momento forte para mim. Em todos os lugares rezei, imaginei as cenas passadas há tanto tempo. Perguntei-me o que Deus pensa de tudo isso. Para mim era também um nutrir-se, alimentar a fé, sentir Deus, andar pelas vias onde Jesus, os Apóstolos, Maria, os profetas, nossos pais da fé caminharam ali. E rezar por tantas intenções, pelas pessoas que me são caras, por quem me pediu orações. Refletir, pensar o mundo a partir do projeto de Deus e de Jesus...
- c) Conhecer melhor o mundo bíblico. Para mim será diferente agora escrever ou dar um curso, e poder dizer: "eu estive lá". Mas tudo foi muito rápido, e o nosso guia era muito fraco em Bíblia.

O meu estado de saúde também impedia que eu pudesse fazer mais anotações. Á noite estava cansado e os antidepressivos me faziam dormir cedo. Tirei muitas fotos e comprei vários cartões postais que dão um pouco uma visão da visita. E seria interessante uma visita que começasse pelo Egito, ver as pirâmides, subir no Monte Sinai, passar pelo deserto, ir a Massada, Jericó, visitar os museus. Tudo isso com mais tempo.

PAZ! SHALOM! ~Alv'

O desejo de Paz é o que mais se ouve. Esperar o retorno dos turistas, o retorno da vida normal, sobretudo dos pobres que mais sofrem com tudo isso. Mas parece que a Paz está tão distante. O problema é que os conflitos e interesses são tantos e tão diversos. Neste pequeno lugar nasceram três grandes religiões (judaica, cristã e muçulmana). Existe algo em comum e tantas outras coisas tão diferentes. A intransigência e arrogância religiosa é forte. Mas no fundo todos tem que ter um pouco de tolerância e também aceitar a provocação dos outros, senão não se convive. Bem em frente da Basílica da Anunciação em Nazaré, os Muçulmanos estão construindo uma mesquita cinco vezes maior. A Igreja já entrou na Justiça e ganhou em todas as instâncias, mas os trabalhos continuam a todo vapor. No fundo parece que isso agrada Israel: é uma briga que vai criar grandes conflitos entre Católicos e Muçulmanos. E se... os muçulmanos podem fazer isso com os católicos, porque Israel não pode fazer o mesmo com os muçulmanos? Dizem que Israel já tem todo o projeto e os recursos para construir de novo o templo e será ao lado (ou derrubando) uma das mesquitas muçulmanas de Jerusalém. E só esperam o momento oportuno.

Pelas ruas se vê pelas vestes, hábitos e modos de se apresentar (algumas extravagante) o lado religioso. Coisas do "arco-da-veia". Acho importante que tenhamos o "sinal" religioso. Mas não precisa ser algo feio, ridículo. Falta beleza, o belo faz de Deus, e temos tanta coisa bonita em cada uma das religiões, mas quanto mais fanática e sectária é a pessoa religiosa, mais feio é o seu modo de manifestar-se.

Os conflitos:

É difícil que haja um acordo de paz que agrade a todos. Devemos entender que esta terra sempre foi ponto de conflito. Quando os hebreus saíram do Egito e foram habitar lá tiveram que combater com os filisteus (palestinos?). Os árabes (descendentes de Ismael) também alguns foram para lá. No ano 70 Tito, o general Romano, acabou com o templo e com o estado de Israel. Em 1948 foi proclamado o estado de Israel, mas não foi criado o estado palestino. Israel começou a expandir-se. Hoje o projeto de Ariel Sharon é expandir ao máximo o território israelense. Está construindo 200 assentamentos em território palestino. Os judeus estão comprando casas e terrenos, às vezes pagam o dobro.

O conflito se tornou mais agudo quando logo depois de assumir o governo, Ariel Sharon, com mil soldados entrou por uma porta e ocupou um túnel em território palestino. Os árabes se defendem fazendo ataques suicidas, kamikazes que enchem o corpo com bombas e se fazem explodir. Já mataram muita gente. Ou matam os colonos judeus que estão nos assentamentos. Israel controla todas as estradas para entrar e sair de Jerusalém. Faz ataques armados contra qualquer palestino suspeito e tem um bom serviço secreto (Mosad) e com isso vai eliminando os líderes palestinos.

Para haver paz deveria haver um perdão de ambas as partes. Mas isso não faz parte das suas religiões. Todos os lados têm que ceder, perder, e isso é difícil. Dos dois lados houve muitas mortes, perderam sangue, e a vingança está á flor da pele. Israel está muito mais armado... Também a manipulação dos meios de comunicação é visível. A "Rede Globo" funciona aqui também. No dia 01 de janeiro havia uma Caminhada pela Paz, de Belém a Jerusalém, havia muito apoio estrangeiro e mesmo de israelenses. O exército impediu a entrada em Jerusalém. A TV só mostrou que houve uma manifestação e nada mais. É certo que no governo israelense existem visões diferentes. Simon Perez tem uma visão mais moderada. Mas o primeiro ministro é Ariel Sharon e ele pensa longe: tem o exército, tem dinheiro, tem poder, e tem o apoio de grande parte dos israelenses.

Do outro lado, temos Arafat isolado, muitos de seus líderes foram mortos, os muçulmanos radicais da Jihad (guerra santa) e mesmo o seu grupo Hammas fazem ataques, mas pouco efeito tem, porque justifica o expansionismo israelita. De outro lado, o turismo para Israel pouco conta, mas os palestinos e árabes dependem 90% do turismo. E nos últimos tempos foi reduzido totalmente. A TV parece mostrar ao mundo que tudo está em guerra. Não é verdade. Os conflitos são localizados e não estão nos lugares sagrados (exceção a Jericó e em parte Belém). Mas se pode ir tranquilamente. Basta ter os cuidados como em qualquer grande cidade.

No meio disso estão os árabes que também vivem ali, são considerados cidadãos israelenses, votam e tem os seus representantes. A maioria são muçulmanos moderados, mas há também árabes cristãos ou de outras crenças. Vivem do comércio e pagam o preço deste conflito.

Neste momento os EUA fazem esforços para conseguir um acordo de paz. Mas poucos confiam nos EUA, pois sabem que apóiam Israel. O triste é que não se entende por que aqui não há uma intervenção da ONU? Parece que a ONU intervém somente onde interessa aos EUA.

Mesmo assim, rezemos pela paz! Uma paz que seja fruto da Justiça e do respeito. Uma paz duradoura nesta terra onde Deus escolheu para se manifestar. Um lugar onde Deus manifestou seu amor, os homens fazem guerra. Um lugar onde se reza tanto e de tão diversas formas. Terra historicamente marcada pela dor, pelo sangue derramado, por tantas mortes... O triste é que quase tudo isso é feito em nome de Deus: a ocupação, a guerra, a morte... No entanto, é um lugar que chama, que fala, que enche o coração de paz.

O lugar onde Deus se fez gente, deixou as marcas dos seus passos. Este lugar, apesar de tudo, nos ensina que o Reino de Deus é possível, que a paz é possível, que Deus é Amor e quer que o mundo seja diferente. Apesar do deserto duro, crescem flores, apesar da guerra e da violência, sopra um vento de paz, apesar de tudo isso, a vida é mais forte que os projetos de morte.

Frei Ildo Perondi